

---

## A argumentação colérica em *Édipo Rei*, de Sófocles\*

Natália Miranda Fernandes da Silva<sup>i</sup>

---

**Resumo:** Neste artigo, propõe-se a leitura do embate entre Édipo e Tirésias, da tragédia sofociana *Édipo Rei*, à luz da *Retórica*, de Aristóteles, e da teoria semiótica das paixões (Fontanille; Ditché; Lombardo, 2005; Greimas, 2014), a fim de evidenciar que as paixões, mais especificamente a cólera, longe de serem apenas estratégias discursivas, são fenômenos semióticos que moldam a construção de sentido do texto. Nessa revisita à narrativa encenada entre 429 a.C.-425 a.C., espera-se demonstrar que a comunidade tebana associa a argumentação colérica de Édipo ao mesmo campo semântico que os outros males que assolam Tebas; esse entrelaçamento indicaria que i) a cólera de Édipo, manifestada por meio de um discurso orgulhoso e autoritário, torna-se uma extensão dos próprios desequilíbrios que afligem a cidade; ii) uma argumentação que apela ao *éthos* e ao *lógos*, e não ao *páthos*, possui valor eufórico em um contexto marcado pelo desequilíbrio.

**Palavras-chave:** Édipo Rei; retórica; paixões; cólera.

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.232645>. Este artigo é um desdobramento do projeto de iniciação científica intitulado "Ethos e persuasão: uma análise do discurso judicial em *Édipo Rei*" (processo FAPESP 22/00247-5), desenvolvido entre 2022–2023 sob orientação do Prof. Dr. Waldir Beividas.

<sup>i</sup> Possui Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [nataliamfernandes@usp.br](mailto:nataliamfernandes@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1158-9773>.

## Introdução

**E**dipo Rei, de Sófocles, é considerada “a primeira peça policial conhecida” (Kury, 1990, p. 7) ou, ainda, a raiz do “procedimento de pesquisa da verdade” (Foucault, 1999, p. 31). Apesar de séculos de recepção e adaptação para outras mídias já terem se passado, a presente análise, que se valerá da tradução de Trajano Vieira (2001), pretende voltar à tragédia encenada entre 429 a.C. e 425 a.C. (Bloom, 2007, p. 225) para deter-se especificamente na configuração passional do embate entre Édipo e Tirésias, munindo-se, para tanto, da *Retórica* de Aristóteles e da teoria semiótica de Greimas (2014) e Fontanille, Ditche e Lombardo (2005), em especial no que diz respeito ao percurso passional da cólera.

O diálogo entre as teorias mostra-se proveitoso por permitir uma análise que leve em consideração não só os “traços sintáticos e semânticos dos afetos, mas também sua força de impacto, de sensibilização, isto é, de seus efeitos persuasivos” (Lima, 2012, p. 108). A partir disso, mostra-se possível: i) identificar em quais estruturas a narrativa se assenta, bem como os valores fôricos que a revestem; ii) mapear o percurso passional da cólera na argumentação de Édipo e sua relação com a /hybris/<sup>1</sup> em nível fundamental, a partir da reação que o coro tem às suas falas. Em um contexto mais amplo, as implicações dessas reflexões podem ser estendidas a outros gêneros narrativos e à prática política, em que as paixões frequentemente desempenham papel decisivo na negociação de valores e identidades.

Cabe, antes, uma contextualização. Édipo, no caminho para Tebas, se desentende com a comitiva de Laio — seu pai, fato que ele desconhecia — em uma encruzilhada, e mata a todos. Quando chega à cidade, soluciona o enigma proposto pela Esfinge e, em recompensa, torna-se rei e ganha o direito de desposar Jocasta, viúva de Laio — ou seja, sua mãe. Ambos vivem em relativa paz por muitos anos e chegam a ter filhos.

Os deuses, insatisfeitos com a concretização dos oráculos, que já previam o parricídio, enviam a Tebas uma peste terrível, a qual ataca tudo o que é fértil. Preocupado, Édipo envia Creonte — tio e cunhado — a Delfos, pois queria saber qual era a explicação e a solução que o oráculo indicaria para a peste. A tragédia começa exatamente nesse ponto.

Quando Creonte volta com a resposta do oráculo, o rei descobre que o assassino de Laio está entre os habitantes; pode-se dizer, então, que a história gira em torno da obstinação de Édipo em elucidar o crime para salvar Tebas mais

<sup>1</sup> Como costumeiro nas análises semióticas, as categorias semânticas de base que constituem o nível fundamental da obra, bem como o objeto-valor (a partir da p. 5), serão escritos entre barras (Fiorin, 2021, p. 21-22, 37).

uma vez. Como não encontra respostas imediatas, Édipo passa a acreditar que Creonte e Tirésias estão envolvidos em uma trama para destituí-lo do poder — eis o ponto de interesse da presente análise.

## 1. O /saber-fazer/ de Édipo em jogo

Entende-se por *agón*, na tragédia grega, uma “cena de discussão, inspirada nos hábitos retóricos da época”, que tem por configuração “duas tiradas opostas, seguidas de uma troca de palavras, verso a verso” (Romilly, 1998, p. 41). O exemplo mais antigo de *agón* registrado na literatura grega está presente no livro I da *Ilíada* de Homero, v. 121-187, quando Aquiles e Agamêmnon discutem em assembleia a distribuição dos espólios de guerra. Entretanto, é na tragédia que o *agón* se realiza em sua forma institucional plena (Barker, 2009): nela, há uma evidente associação entre o debate, o poder da palavra, e a manutenção da justiça e da boa governança.

O *agón* (embate verbal daqui adiante) pode manifestar-se na tragédia tanto na “relação conflituosa entre a personagem e o coro ou entre duas personagens, cada uma apoiada por uma parte do coro” (Grilo, 2009) como no “conflito interior, de consciência” (*idem*); de um jeito ou outro, nota-se um “grande desdobramento de argumentos que [contribuem] para esclarecer [determinado] pensamento ou paixão” (Romilly, 1998, p. 41).

Os embates verbais mais significativos em *Édipo Rei* ocorrem entre Édipo e Tirésias e, posteriormente, entre Édipo e Creonte. Antes do primeiro embate, Tirésias é recebido com honrarias; mas, se antes o adivinho era considerado um sóter (v. 304), passa referido por Édipo como miserável (v. 334), charlatão (v. 388), vate cego (v. 389) e ser decrepito (v. 403). Nesse contexto, o coro assume inicialmente uma postura de neutralidade (v. 404-5), priorizando a solução serena do confronto entre os dois.

Antes do segundo embate, ainda no início da tragédia, Édipo faz uma série de perguntas a Creonte para entender melhor o vaticínio trazido pelo cunhado, aproximando-se da figura de um investigador, que deduz a partir de provas concretas — o oposto de um julgamento afoito, que é o que o coro depreenderá de sua fala no v. 617, quando os dois discutem.

Se considerarmos o coro “uma massa que acompanha as ações dos personagens de maneira crítica, atentando-se a como estes atuam (ou não) em prol dos interesses comuns” (Silva; Beividas, 2024, p. 5), convém um olhar mais atento para os tons argumentativos detectados em ambos os embates, isto é, a cólera e a sensatez:

**Tabela 1:** Reação do coro.

Reação do coro no embate contra Tirésias	Reação do coro no embate contra Creonte
Segundo nos figura, rei, a cólera inspira os dois pronunciamentos. Nós não carecemos disso. Eis nosso escopo: solucionar o vaticínio delfico. (v. 404-7)	Sensato, não escorregou na fala; pensar às pressas, rei, nos leva à queda. (v. 616-7)

**Fonte:** Sófocles (trad. Vieira, 2001).

Nos dois casos, parece haver uma tensão entre moderação e imoderação, sendo que a este segundo modo de falar se associam a cólera e a afoiteza, valores destoantes da conduta inicial de Édipo para com Creonte e Tirésias, como visto. Como explicar, então, essa mudança de comportamento?

Uma maneira de se aproximar da resposta é entendendo a paixão como resultado de uma interação, ou seja, algo que é “ao mesmo tempo, [um] modo de ser e resposta a modos de ser [...]. Ela é, antes de mais nada, ação mútua entre interactantes; é ‘via de mão dupla’ na relação do eu com o outro, do eu com aquilo que se põe no seu campo de presença” (Lima, 2012, p. 105-6). Convém, assim, um retorno ao início da tragédia, a fim de se observar o modelo de estrutura actancial da narrativa, capaz de revelar as ações e interações que antecedem os episódios coléricos de Édipo. Tomemos o apelo inicial dos suplicantes nos v. 44-8 como ponto de partida:

As *deliberações* de alguém vivido  
resultam em ações mais efetivas.  
Melhor entre os melhores, *reergue* a pólis!  
Melhor entre os melhores, lembra: sóter,  
assim te chamam, nosso salvador.

Antecede os versos uma menção direta à resolução do enigma da Esfinge (v. 35-8), responsável por consolidar Édipo como o rei de Tebas. Nos v. 396-8, ele mesmo reforça sua conquista: “[...]. E eu cheguei; / dei cabo dela [da Esfinge], alguém sem crédito, Édipo;/ *vali-me do pensar* e não dos pássaros.” (v. 396-8). Os grifos nos termos “deliberações” e “vali-me do pensar” servem para sinalizar a centralidade que o saber ocupa na narrativa. Pensando em uma estrutura pautada na semiótica da ação, isto é, o sujeito em direção ao seu objeto-valor, fica nítido que o objeto-valor de Édipo é a /elucidação/, que se insere em uma dimensão cognitiva da narratividade, “não apenas no estatuto dos objetos a buscar (resgatar um saber antigo, formular uma ideia, buscar um conhecimento...) mas também na performance do sujeito, performance cognitiva (pensar, cogitar, raciocinar, imaginar), assim como na sua competência cognitiva” (Beividas, 2021b), ou seja, expande-se por todo o esquema narrativo.

Com isso em vista, pode-se considerar, em um primeiro momento, que Édipo atua como uma autoridade do saber, dotada de plena aptidão para resolver um problema, papel comumente associado ao perito e ao especialista (Fiorin, 2015, p. 176). A competência cognitiva é reiterada em outros pontos da narrativa, dos quais se destaca, a título de ilustração, o v. 566, quando Édipo pergunta a Creonte sobre o extermínio da comitiva de Laio: “A pólis não investigou o crime?”. A pergunta reflete a própria conduta investigativa<sup>2</sup> de Édipo, que busca mobilizar testemunhas e reconstruir eventos passados com o propósito de descobrir a motivação por trás do mal que assola Tebas.

A resposta de Édipo nos v. 65-7 (“Não me encontrais gozando a paz de Hipnos. / Sabei que muita lágrima chorei,/ nas muitas vias do pensamento eu me/ perdi”) pode, assim, ser lida como uma manifestação de frustração, ou seja, como a ciência de um desejo insatisfeito, de uma expectativa não correspondida (Greimas, 2014; Fontanille; Ditche; Lombardo, 2005). Os suplicantes confiam na autoridade de saber que Édipo representa e esperam que ele salve Tebas; sendo forte a confiança, a espera é paciente, e não desemboca em um acesso de cólera contra ele (Fontanille; Ditche; Lombardo, 2005, p. 66). Como observara Greimas (1983, p. 233), “frequentemente tem-se a impressão de que existe uma relação direta entre a intensidade da espera, ‘vontade’, ‘voto’, ‘esperança’ [...] e a graduação da insatisfação que decorre de sua não realização” (*apud* Beividas, 2024, p. 148).

Entretanto, por mais que não haja, por exemplo, uma rebelião contra Édipo, não se pode dizer que ele sai ileso do apelo dos tebanos, afinal, seu saber-fazer é colocado à prova, ainda que de maneira sutil: considerando a paixão uma “força de influência advinda dos dois lados: do orador e do ouvinte, no âmbito da Retórica, do sujeito e do objeto, no da Semiótica” (Lima, 2012, p. 106), a fala dos suplicantes exerce uma grande afetação em Édipo por reafirmar sua não-conjunção com o objeto-valor /elucidação/. Não à toa, ele distancia-se do saber-não-fazer que o apelo sugere apontando que não está sob a “paz de Hipnos” (v. 65) e, na sequência, que já enviara Creonte atrás de uma resposta dos vates (v. 69-72). Creonte mostra-se incapaz de trazer respostas imediatistas o bastante, a despeito do inquérito movido por Édipo entre os v. 80-131, e Tirésias é convocado no v. 300. Tem-se, na sequência, o primeiro embate da tragédia — e, por conseguinte, a primeira manifestação colérica de Édipo.

---

<sup>2</sup> Esse tipo de estrutura, centrada no “desvelamento de um segredo” (Fiorin, 2021, p. 33), é comum em narrativas policiais, intuição que o tradutor Mário da Gama Kury já possuía: “Sob certos aspectos o Édipo Rei pode ser considerado a primeira peça policial conhecida. Com efeito, a partir da volta de Creonte com a resposta do oráculo, há um crime — o assassinato de Laio —, um investigador interessado em elucidá-lo e punir o culpado, a busca às testemunhas, ao assassino, o interrogatório e finalmente a descoberta do criminoso” (Sófocles, 1990, p. 8).

## 1.1 O percurso passional da cólera no embate entre Édipo e Tirésias

Na *Retórica*, a cólera é descrita como “um desejo acompanhado de dor” (1378a), nascido de uma manifestação de desprezo contra nós ou contra pessoas queridas por nós; em Greimas, aparece como um “violento descontentamento acompanhado de agressividade” (*Le Petit Robert apud Greimas*, 2014, p. 234), descontentamento este que tem, em sua origem, a privação de uma esperança ou direito.

Com efeito, Édipo inicialmente vê no adivinho o adjacente que o fará alcançar o objeto-valor desejado: “O que o pássaro augura não ocultes,/ nem os auspícios de uma outra via” (v. 310-1). Nesse sentido, é possível notar uma semelhança, em termos retóricos, entre o apelo que os suplicantes direcionam a Édipo e o apelo que Édipo direciona a Tirésias:

**Tabela 2:** O recurso da exortação.

Sacerdote para Édipo (v. 1-70)	Édipo para Tirésias (v. 356-372)
<i>Melhor entre os melhores</i> , lembra: <i>sóter</i> , assim te chamam, nosso salvador.	<i>Mais ninguém</i> , senhor, escudo, <i>sóter</i> , nos garante a sorte.
Pois <i>todos</i> clamam, todos te suplicam uma saída [...]	<i>A urbe e a ti depura, a mim depura, depura-nos</i> dos miasmas do cadáver.

**Fonte:** Sófocles (trad. Vieira, 2001).

Ainda que em momentos diferentes da narrativa, nota-se que a ambos é atribuído o potencial de salvação da cidade, a partir de um apelo com a função retórica de captação da benevolência ou, ainda, de manipulação por sedução, quando o manipulador “leva [alguém] a fazer [algo] manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado” (Fiorin, 2021, p. 30). Na ausência do auxiliar, é o herói quem recebe os atributos de adivinhação, de sabedoria profética (Propp, 1984, p. 46), e os suplicantes reconhecem isso ao tratar Édipo como uma espécie de mediador dos assuntos divinos (v. 31-4):

*Édipo igual a um deus? Nem eu nem os meninos incorremos nesse equívoco um ás te reputamos nas questões da vida e no comércio com os deuses.*

Essa dinâmica é alterada tão logo Tirésias é convocado: agora, é ele quem recebe a função do herói, qual seja, a de livrar Tebas da peste por meio de sua sabedoria. Quando os desejos de Édipo não são atendidos, isto é, quando ele se vê frustrado em sua esperança fiduciária diante da recusa de Tirésias em falar, a relação contratual assume um caráter polêmico (Greimas, 2014, p. 235), impaciente, o oposto do que ocorreu entre Édipo e os suplicantes no início: “Seu

miserável mor! Não falarás?" (v. 334); "Como posso manter-me calmo, se ouço / palavras que à cidade só desonram?" (v. 339-40).

Sucede a frustração o estágio de descontentamento, que, a depender do grau de investimento no objeto, "se desenvolve em ressentimento, em amargura, ou mesmo em cálculos paranoicos, segundo o fracasso seja imputado parcial ou totalmente, accidental ou intencionalmente a outro sujeito" (Fontanille; Ditche; Lombardo, 2005, p. 66). Considerando que a salvação da cidade implica, para Édipo, a salvação de si mesmo, o afastamento em relação ao objeto-valor /elucidação/ o leva ao "cálculo paranoico", manifestado na culpabilização de Tirésias e, eventualmente, de Creonte (v. 345-9):

Já nada fica implícito – motiva-me  
a fúria: arquitetaste o assassinato,  
melhor, o cometeste, embora com  
as mãos de um outro.

Knox (2002) relembra que o ataque de um rei a mediadores divinos é um lugar-comum na literatura grega, vide a desavença entre Agamêmnon e Crises (// I, v. 17-42) e entre o primeiro e Calcas (// I, v. 92-111). Entretanto, apesar do que Aristóteles diz na *Retórica* sobre os mensageiros de más notícias não se importarem com o mal que causam (1379b), Tirésias manifesta desde o início sua insatisfação em estar ali (v. 316-8; v. 320-1):

Terrível o saber se ao sabedor  
é ineficaz. Embora ciente disso,  
me descuidei: jamais teria vindo.  
[...]  
Deixa que eu volte. Cada qual sopesse  
o próprio fardo. Crê: será melhor.

Em termos retóricos, Tirésias opta pelo *ductus figuratus*, recurso em que o orador substitui a expressão de um pensamento relevante e perigoso por ponderações ambíguas e/ou desconexas, pois seu pudor impede a transmissão explícita da informação (Lausberg, 2004, p. 102). Sua conduta pode, assim, ser lida como piedosa, entendendo piedade como uma partilha assimétrica do sofrimento (Lima, 2012, p. 102): Tirésias sente por Édipo, afinal, é o único que detém conhecimento sobre o ultraje que subjaz à investigação. Entretanto, diante da pressão abusiva que lhe é direcionada, se reconhece incapaz de alterar a realidade, a despeito de qualquer tática do discurso que possa utilizar, e revela a culpa de Édipo na desdita de Tebas (v. 350-3):

Verdade? Pois então assume os termos  
do teu comunicado: de hoje em diante,  
não fales mais comigo nem com outrem,  
com teu miasma contaminas Tebas!

A agressividade de Édipo chega ao ápice no discurso invectivo que lança contra o adivinho nos v. 380-403, referindo-se a ele como “charlatão manhoso” (v. 388) e “ser decrépito” (v. 402) e, sobretudo, questionando seu saber-não-fazer quando a Esfinge assolava a cidade (v. 393-6):

Não de um desavisado a solução  
do enigma dependia, mas de um profeta.  
Ficou patente: nem as aves, nem  
os deuses te inspiraram. [...]

Nesse momento, há uma intervenção do coro, que, como já mencionado, atenta em chave negativa para o rumo colérico que a discussão tomou e resgata o verdadeiro objetivo do diálogo, a saber, “[...] solucionar o vaticínio delfico” (v. 407). Édipo, entretanto, persiste em sua intransigência: “Ouvir o que ele [Tirésias] diz é insuportável. / Vai para o inferno! Some!” (v. 428-430).

O embate marca uma transformação actancial central para a narrativa: de herói, Édipo passa a ser o falso-herói, entendendo este como aquele que interrompe a fluência do herói e, por conseguinte, retarda o andamento da narrativa. Ao acusar Tirésias sem seguir um método lógico-dedutivo, Édipo mostra-se mais preocupado em atender as expectativas do povo tebano, ou seja, em oferecer uma resposta rápida — em observância ao apelo dos v. 14-57 — do que em ser justo e prudente. Ele revela, assim, a face de um governante que não hesitaria em recorrer a castigos (cf. v. 355) para garantir a sua soberania, em detrimento do saber divino. De autoridade de saber, ele torna-se, então, “aquele que exerce comando sobre os outros” (Fiorin, 2015, p. 146), isto é, uma autoridade de poder, que silencia a oposição (*vide* v. 428-430) e impede visões contrárias ou críticas às suas.

O efeito almejado é um crer adesivo, que atropela o saber (Beividas; Lopes, 2009, p. 445). No *Górgias*, de Platão (2011), nota-se que esse tipo de persuasão, que busca infundir crença sem o saber (454e), é associado à política (463d), âmbito em que algo injusto é comumente tratado com palavras justas e agradáveis para evitar a punição, que, embora justa, é desprazerosa (522c). É isso que Édipo faz: se o que Tirésias diz é verdade, a conspiração criada em resposta é uma maneira de evitar a punição que ele mesmo previra contra o responsável pela peste. Entra em jogo seu não-saber-não-fazer, que tem, como palavra-chave, a desmedida.

## 1.2 /Medida/ vs. /desmedida/: considerações sobre o nível fundamental da obra

Na já mencionada *Ilíada* de Homero (2013), encontra-se na conduta irrefreável de Aquiles um dos episódios mais marcantes do universo greco-latino: o ultraje cometido contra o cadáver de Heitor. Antecede o ocorrido uma breve descrição do estado de espírito do chefe dos Mirmidões:

Tal como quando a fumaça sobe até ao vasto céu  
de uma cidade em chamas, e a *cólera* divina o faz deflagrar;  
a todos cria o sofrimento e a muitos traz a desgraça —  
assim Aquiles causava sofrimento e desgraça aos Troianos.  
(*Il.* XXII, v. 522-525; grifos nossos).<sup>3</sup>

A passagem demonstra como uma disposição de afetos particular pode prejudicar o funcionamento sadio de uma cidade; de igual modo, a cólera de Édipo, ao mesmo tempo que retarda o andamento da narrativa, prolonga o sofrimento de Tebas, assolada pela infertilidade do solo, dos animais e das mulheres (v. 25-7). À essa interrupção do ciclo natural da vida pode-se associar a noção de desequilíbrio e, em última instância, de *desmedida*, que se contrapõe à fluência equilibrada do ciclo da vida, manifestada, por exemplo, na presença de suplicantes meninos, adultos e anciãos (v. 16-8).

“Desmedida” é uma das traduções possíveis<sup>4</sup> para *hýbris*, e seu sentido é de difícil delimitação<sup>5</sup>, embora a consequência seja, em geral, a mesma: o prejuízo ao bem-estar dos membros de uma comunidade.<sup>6</sup> Na tragédia, isso não raro se concretiza por meio do desrespeito aos deuses.<sup>7</sup> Com isso em vista, é possível considerar que, a partir do momento que Édipo questiona o saber profético de Tirésias nos v. 396-8, sobrelevando, no lugar, o saber humano, sua conduta passa a integrar o mesmo campo semântico da peste que assola Tebas. A desmedida

<sup>3</sup> A tradução utilizada é a de Frederico Lourenço (Homero, 2013).

<sup>4</sup> Outras possibilidades são “violência” e “ultraje” (Chantraine, 1968, p. 1150).

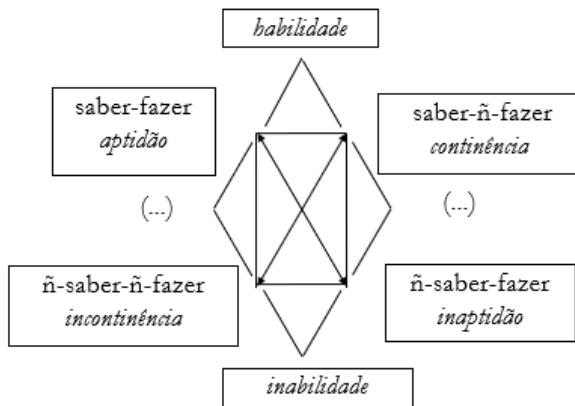
<sup>5</sup> “A maneira diferenciada como os homicídios são representados no universo de Homero, nas tragédias e no registro dos oradores demonstra as modificações que a concepção de violência sofreu ao longo do tempo e, principalmente, como se alterou a forma de lidar com ela. Por isso, pode-se dizer que em cada um desses três momentos se verifica uma concepção específica da violência com continuidades e rupturas com o do período anterior. No universo do mundo homérico e dos mitos trágicos, os atos de violência ganham um grande destaque [...]. Já a violência no mundo dos oradores apresenta outro tom e parece não ser tão bem aceita. Essa violência, que por vários momentos aparece associada com o caráter ultrajante do agressor, representa uma ameaça contra a democracia, já que altera o estatuto inerente do cidadão” (Leite, 2013, p. 104).

<sup>6</sup> “Greek cities took *hubris* very seriously as a political danger, both to their collective freedom and status, and as communities functioning internally through respect for law and the well-being of their members” (Oxford, 1968, p. 732).

<sup>7</sup> Em retomada à perspectiva do helenista Louis Gernet, Leite observa: “[...] as tragédias são excelentes fontes para a compreensão do estabelecimento da *hýbris* como uma força moral e religiosa e de sua utilização no campo judiciário” (2013, p. 83, n. 181).

em tal atitude dialoga, ainda, com a modalização de seu saber-fazer, mais especificamente com o não-saber-não-fazer:

**Figura 1:** Modalização do saber-fazer.



**Fonte:** Beividas, 2021b.

Édipo, certo de sua aptidão na resolução de enigmas, renega a conduta continente que os suplicantes lhe atribuem e propõe uma solução infundada para a peste que assola Tebas, qual seja, que Creonte e Tirésias são os responsáveis. Há, aqui, uma incontinência<sup>8</sup> que se manifesta principalmente nas palavras, como visto no discurso invectivo contra Tirésias, e nos sentimentos, como mapeado no percurso passional da cólera.

O oposto da *hybris* seria o comedimento, a temperança, associados ao termo grego *sôphrosynê*. Cairus (2008, p. 4) define a *sôphrosynê*, ainda, como a “faculdade do ponderar”, o que é localizável dentro da narrativa nas reações do coro; seja opondo um insulto advindo da “fúria” a um “projeto arquitetado” (v. 523-4), seja dizendo, a respeito de Creonte, “Sensato, não escorregou na fala; / pensar às pressas, rei, nos leva à queda” (v. 616-7).

Nota-se, assim, que na tensão de base entre medida e desmedida, entre moderação e imoderação, é a primeira que recebe valor eufórico no contexto em que a tragédia se insere. Quando a discussão é transposta ao mundo contemporâneo, nota-se que a desmedida de Édipo sobrevive, entre os líderes atuais, na forma de decisões precipitadas, desprezo pelo conhecimento especializado e intolerância ao dissenso — em outros termos, na sobrelevação do *páthos* em detrimento ao *lógos*. Uma vez que a organização das narrativas reflete, em grande medida, o funcionamento do imaginário universal humano, cabe o questionamento: qual é o valor fórico que hoje se atribui a esse tipo de discurso político? ●

<sup>8</sup> Segundo o *Dicionário Online de Português Houaiss* (2024), “incontinência” diz respeito à “falta de comedimento nos gestos, palavras, atos, sentimentos, etc.”.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. Tradução e notas de Alexandre Manuel Júnior *et al.* Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- BARKER, Elton. *Entering the Agon*: dissent and authority in homer, historiography, and tragedy. Inglaterra: Oxford University Press, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199542710.001.0001>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- BEIVIDAS, Waldir. A cólera e suas oscilações tensivas. *Estudos Semióticos*, v. 20, n. 3, p. 131-152, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2024.231307>. Acesso em: 29 dez. 2024.
- BEIVIDAS, Waldir. Das funções e personagens de Propp à Estrutura actancial da narrativa e ao Esquema narrativo. In: AULA DO CURSO “SEMIÓTICA NARRATIVA E DISCURSIVA”, FFLCH - USP, São Paulo, 22 set. 2021a. Apresentação em Slideshare. 25 slides, color. Acesso em: 15 dez. 2024.
- BEIVIDAS, Waldir. Estrutura actancial da narrativa e esquema narrativo. In: AULA DO CURSO “SEMIÓTICA NARRATIVA E DISCURSIVA”, FFLCH - USP, São Paulo, 05 out. 2021b. Apresentação em Slideshare. 27 slides, color. Acesso em 15 dez. 2024.
- BEIVIDAS, Waldir; LOPES, Ivã Carlos. Argumentação e persuasão: tensão entre crer e saber em “Famigerado”, de Guimarães Rosa. *Alfa*, v. 53, n. 2, p. 443-456, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2125/1743>. Acesso em: 30 dez. 2024.
- BLOOM, Harold (ed.). *Bloom's modern critical interpretations: Sophocles' Oedipus Rex*. New York: Infobase Publishing, 2007.
- CAIRUS, Henrique. A arte de curar na cura pela arte: ainda a catarse. *Anais de Filosofia Clássica*, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.47661/afcl.v2i3.17009>. Acesso em: 11 maio 2025.
- CHANTRAIN, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*: histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1968.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.
- FONTANILLE, Jacques; DITCHE, Elisabeth Rallo; LOMBARDO, Patrizia. *Dictionnaire des passions littéraire*. França: Belin, 2005.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Sobre a cólera: estudo de semântica lexical. In: GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EDUSP, 2014.
- GRILO, Joaquina. Agón. In: CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de termos literários*. Lisboa, 2009: Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://encurtador.com.br/AMHKQ>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- INCONTINÊNCIA. In: HOUAIS. *Dicionário Houaiss Online de Português*. Rio de Janeiro: Uol, 2024. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/houaissen/apps/uol\\_www/v7-0/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/houaissen/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#1). Acesso em: 30 dez. 2024.
- HÝBRIS. In: OXFORD. *Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

- KNOX, Bernard. *Édipo em Tebas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. Raúl Miguel Rosado Fernandes. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LEITE, Priscilla Gontijo. *Ética e retórica forense*: asebeia e hybris na caracterização dos adversários em Demóstenes. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos – Mundo Antigo) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/23809>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- LIMA, Eliane Soares de. Semiótica e Retórica no estudo das paixões: diálogo entre a abordagem aristotélica e a perspectiva greimasiana. In: PORTELA, Jean Cristus et al. (org.) *Semiótica: identidades e diálogos*. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2012.
- PLATÃO. *Górgias*. Tradução e notas de Daniel Rossi Nunes Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução de J. P. Sarhan. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1984.
- ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*. Trad. Ivo Martinazzo. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- SILVA, Natalia Miranda Fernandes da; BEVIDAS, Waldir. Ethos e persuasão: uma análise do embate entre Édipo e Creonte, de Édipo Rei. *CODEX - Revista de Estudos Clássicos*, v. 11, n. 2, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25187/codex.v11i2.56441>. Acesso em 3 abr. 2025.
- SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. Trad. Mário da Gama Kury. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

---

 **The wrathful rhetoric in *Oedipus Rex* by Sophocles**

---

 SILVA, Natália Miranda Fernandes da

---

**Abstract:** In this article, we propose a reading of the confrontation between Oedipus and Tiresias in Sophocles' tragedy *Oedipus Rex*, through the lens of Aristotle's *Rhetoric* and the semiotic theory of passions (Fontanille; Ditche; Lombardo, 2005; Greimas, 2014), in order to demonstrate that passions — specifically anger — are not merely rhetorical strategies, but semiotic phenomena that shape the construction of meaning within the text. In this revisit of the narrative staged between 429 B.C. and 425 B.C., we aim to show that the Theban community associates Oedipus's wrathful argumentation with the same semantic field as the other afflictions plaguing Thebes. This interrelation suggests that: (i) Oedipus's anger, expressed through a proud and authoritarian discourse, becomes an extension of the very imbalances that torment the city; (ii) argumentation grounded in *ethos* and *logos*, rather than *pathos*, holds euphoric value within a context marked by disorder.

**Keywords:** Oedipus Rex; rhetoric; passions; wrath.

---

**Como citar este artigo**

SILVA, Natália Miranda Fernandes da. A argumentação colérica em *Édipo Rei*, de Sófocles. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 2. Dossiê temático: "Semiótica e Retórica". São Paulo, agosto de 2025, p. 200-211. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

**How to cite this paper**

SILVA, Natália Miranda Fernandes da. A argumentação colérica em *Édipo Rei*, de Sófocles. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 2. Thematic issue: "Semiotics and Rhetoric", São Paulo, August 2025, p. 200-211. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 30/12/2024.

Data de aprovação do artigo: 14/04/2025.

---

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença  
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This is an open access article distributed under the terms of a  
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

